

A DIVERSIDADE BATE NAS

ELAS

» RICARDO DAEHN

Com a concentração do circuito de cinema antenada pela chegada nas telonas do aguardado *Doutor Estranho no multiverso da loucura* (em 5 de maio), a hora de diversificar as opções para o público chega, na janela, desta quinta-feira. O cinema realimentado pela indústria das séries de tvê está na proposta de uma das estreias: *Downton Abbey II: Uma nova era*.

Noutro filão, o dos filmes de terror, a aposta é na fita da estreante argentina Agustina San Martín, *Como matar a besta*. Num patamar de reconhecimento muito superior, o premiado Jacques Audiard, que segue defendendo o cinema de autor, aos 70 anos, investe num conto de amor muito atual, desenhado no cenário francês, com o drama em preto e branco *Paris, 13º distrito*. Mas, há ainda outras atrações. Confira!

Crítica // Downton Abbey II: Uma nova era ★★★

Austera presença

Com mais de 50 episódios exibidos na televisão, até 2015, a série *Downton Abbey* expandiu, dada a legião de fãs, para um filme que chegou à telona há três anos. Opulência, elegância, intrigas e uma lista de amores retomados enchem a tela, na mais nova investida do diretor Simon Curtis, à frente de *Downton Abbey II: Uma nova era*. Com enorme projeção na trama, a matriarca vivida com a humorada sofisticação de Maggie Smith, Violet Crawley, é quem dá as cartas.

Claro que o filho dela, Robert (Hugh Bonneville) e a neta de Violet, Mary (Michelle Dockery), trazem um peso para o retrato de um período, em que desfilam “serviçais” (como o termo aplicado no roteiro, sem melindres), desenvolvido pelo mesmo criador da série, Julian Fellowes. Depois de abrigar uma comitiva da monarquia inglesa, na história do primeiro longa, com mudança de costumes e o abalo do império aristocrático, a famosa e gigante propriedade de uma endinheirada dinastia acolherá, por um mês, uma equipe de cinema. Daí surgirem três novos personagens: a insuportável atriz Myrna

Divulgação/Instagram



Downton Abbey II: uma nova era tem elenco numeroso e brilhante



Romances e intrigas dão o tom em Downton Abbey

Paramount/Divulgação

Dalgleish (Laura Haddock, de *Guardiões da Galáxia*), o astro Guy Dexter (Dominic West) e ainda o abalado diretor Barber (papal de Hugh Dancy).

A trajetória de quebra de protocolos sociais e transferências de bastões seculares traz uma leitura curiosa, quando se assiste ao longa. Ao invés de esbarrarem numa trupe de “atores bêbados” e “atrizes emplastadas de maquiagem”, como projetavam, os endinheirados percebem

os sinais do fim de uma era e o começo de outra: assustada, a trupe de cinema enfrenta a queda do cinema de “mímica com música” e depara, ainda aos fins de 1920, com o despontar dos recursos do cinema sonoro. É divertido ver a inspiração de *Cantando na chuva* (1952), justo num filme que deriva de série e busca as origens da linguagem destas séries, justo na chamada sétima arte.

Depois de comandar o introspectivo

Sete dias com Marilyn (2011) e o agitado *A dama dourada* (2015), o diretor inglês Simon Curtis consolida um estilo harmônico no qual administra a façanha de condensar o destino de 24 personagens que estampam o cartaz de *Downton Abbey II*. Um deslocamento de parte da galeria de personagens para o sul da França renova o fôlego do drama. Esta etapa fantasiosa do filme reforça uma máxima de um dos personagens que destaca que “casamento é romance, e não um conto”. Puxando o fio da meada de uma relação amorosa da idosa Violet, o grupo viajante desemboca numa villa, na Riviera Francesa, prometida como herança para o clã Crawley.

Administrando a vida, num “planeta diferente”, a quase nonagenária Violet segue com a pompa de dama, com tiradas tão descabidas quanto impagáveis. Quem ganha espaço na trama é o ex-mordomo Carson (Jim Carter), num filme recheado por belas paisagens e amenos flertes. Junto com Carson, entre o ruir de algumas instalações (físicas) de *Downton Abbey* e o instaurar de um mundo moderno, com arquitetura hierárquica mais flexível, quem também marcará pontos num estilo de vida menos condicionado a aparências é o personagem encabeçado por Robert James Collier, o mordomo gay Thomas Barrow. Nada do que foi será. (RD)

Shanna Besson/Divulgação



Paris, 13º distrito, fita de Jacques Audiard

CRÍTICA // Paris, 13º distrito ★★★★★

Prioridades em ebulição

Aos quase 70 anos de idade, o diretor Jacques Audiard se prova, sistematicamente, um ótimo contador de histórias. Num crescente, constrói carreira destacada, desde o belo *De tanto bater meu coração parou*, passando pelo profundo *O profeta* (vencedor do Grande Prêmio, em Cannes), e com direito ainda ao doloroso *Ferrugem e osso* e a *Dheepan: O refúgio*, este último, vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes.

É através dos acréscimos, com a inspiração focada em enredos de cartum assinados por Adrian Tomine (em 2020, responsável por *A solidão de um*

cartunista de longa distância), que Audiard examina o amor e, com filtro original, o bairro de Olympiades, em *Paris, 13º distrito*. A roteirista Céline Sciamma (do aclamado *Retrato de uma jovem em chamas*) reforça a escrita do novo longa de Audiard, na mesma medida em que Léa Mysius (de *Ava*) dá fôlego ao time de roteiristas — trazendo mais naturalidade à exploração da sexualidade feminina disposta em *Paris, 13º distrito*.

Atores promissores, Lucie Zhang e Makita Samba trazem a consistência e o interesse, num caldeirão cultural: ela, de origem asiática, tenta respirar, entre um exaustivo atendimento de telemarketing; e ele, negro, bate ponto como professor universitário. Assumidamente, o cineasta Jacques Audiard bebe da fonte dos enredos de amores ligeiros, no passado, desenhados nas tramas do romântico Éric Rohmer.

Pelo preto e branco estilizado na fotografia de Paul Guillaume (do documentário

Adolescentes), Audiard se aproxima da Paris que, onde, desde criança, circula. Pretendeu dar à cidade um aspecto asiático e distanciado. Justamente nisso reside a força do longa, que examina o teor de relações contemporâneas, superficiais e em nada construídas: o filme centraliza um debate (discreto) na falta de traquejo entre os jovens, exaustivamente, engolidos pelas jornadas de trabalho e pouco hábeis na lida com os sentimentos.

Sobrepunhando o terreno sentimental de Émile (Lucie Zhang) e Camille (Makita Samba), desponta a personagem de Nora (Noémie Merlant), que adentra a universidade um pouco envelhecida em relação aos colegas e passa por um escrutínio severo e criminoso, ao ser confundida com a stripper Amber (Jehnnny Beth). Ao som de uma premiada trilha sonora assinada por Rone, todos os jovens vão redefinindo prioridades e assinalando as perdas frente a velhas e novas escolhas. Tudo com a sexualidade em polvorosa. (RD)

PELO DIREITO DE TOMAR SUSTOS

Três anos depois de premiada com menção especial para o curta-metragem *Monstruoso Diós* (2019), exibido no Festival de Cannes, a diretora argentina Agustina San Martín apresenta uma coprodução entre Chile, Brasil e Argentina. *Como matar a besta* foi mostrado em instâncias diversas como o Festival de Toronto e ainda o Festival do Rio.

Na região de Missões, uma área fronteiriça, as paisagens densas (captadas na fotografia de Constanza Sandoval) engolem a turista Emília (Tamara Rocca). Ela visita a tia Inês (Ana Burn, a premiada atriz de *As herdeiras*), mas o intuito é outro: quer retomar o contato com o sumido irmão, que parece ter alguma ligação com situação adversa experimentada num vilarejo entregue a descrença pela ação de fenômenos sobrenaturais.

Pregando liberdade e em meio à descoberta da sexualidade, Emília vai tatear um ambiente que pouco lhe diz. João Miguel e Juliet Milcolta completam o elenco.

Numa outra linha, a da animação, a produção japonesa *Jujutsu Kaisen* traz o diretor Sunghoo Park conduzindo um enredo que investe em elementos unidos de forma aterradora: feitiçaria, luto e um empilhado de maldições.

Vitrine Filmes/Divulgação



Como matar a besta